

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVID: HOMOSSEXUALIDADE E LITERATURA

Miguel Rodrigues de Sousa Netto

Mestrando em História Social pelo PPGH/INHIS/UFU

Bolsista CNPq e Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura

*Ainda não comecei. Queria tanto saber dizer
Era uma vez. Ainda não consigo. Mas preciso
começar de alguma forma. E esta, enfim, sem
começar propriamente, assim, confuso,
disperso, monocórdio, me parece um jeito tão
bom ou mau quanto qualquer outro de começar
uma história. Principalmente se for uma
história de dragões.*

Os Dragões não Conhecem o Paraíso
Caio Fernando Abreu

As décadas de 1960 e 1970 foram, nos Estados Unidos da América e na Europa, anos de grande agitação político-cultural. Travaram-se debates acerca de projetos (utópicos) críticos das normas morais vigentes, das drogas como agentes libertadores e de aprendizado, do papel da mulher na sociedade e nas relações sexuais, das minorias (raciais e sexuais), valendo destacar o tema das minorias sexuais, notadamente aos homossexuais, organizados nos Estados Unidos e na Europa a partir do fim da década de 1960.

No Brasil, estes temas/debates foram realizados ao mesmo tempo em que o país passava por uma ditadura militar instituída a partir do Golpe de 1964. Por esta – dentre outras – razão, este debate esteve vinculado a outros, como o fim da ditadura e às possibilidades para o que viria depois dela. Não nos esqueçamos, ainda, de que estes questionamentos, mesmo em seus aspectos libertários, como uma outra divisão de papéis sexuais, deram-se num país de maioria católica, cuja moral abraâmica o marca profundamente.

Este artigo procura, a partir dos aspectos aqui elencados, mapear parte do ideário de um dos críticos da sociedade brasileira da década de 1970. Esta tarefa dá-se a partir da leitura e análise da obra *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976), de João Silvério Trevisan.

Os temas sugeridos – esquerda, moral católica, utopias para um período pós-ditadura –, partiram de uma análise que os aproxima pela intolerância ao tema da homossexualidade.

Um estudo da problemática gay na literatura brasileira pode ter vários contornos. Uma perspectiva histórica possibilita a construção de uma rede de afinidades de obras e de uma

delimitação da questão específica, conferindo historicidade ao tema. No presente caso, esta questão é o entendimento da representação do distanciamento das plataformas reivindicatórias da esquerda tradicional e aproximação dos movimentos contraculturais, no Brasil (de tradição católica) dos anos de 1960 e 1970, na obra *Testamento de Jônatas deixado a David*.

Cabe, inicialmente, apresentar seu autor. João Silvério Trevisan nasceu em Ribeirão Bonito – SP, em 1944. Viveu por dez anos num seminário católico, onde fez grande parte de seus estudos iniciais, sendo introduzido aos estudos filosóficos. Deixou o seminário aos vinte anos para fazer cinema: é de 1971 sua longa-metragem *Orgia ou o homem que deu cria*. Em 1973 deixa o Brasil em auto-exílio e viaja pela América Latina, a partir do Uruguai. Após passar pelos países latinos, vai para os Estados Unidos, “*a exemplo de Rimbaud, ver o império cair*”¹. Escolhe morar em Berkeley, por ser a cidade considerada mais libertária do período. Lá estando, vive numa república de jovens homossexuais, tem contato com a contracultura e a *new left*, além do anarquismo – chega a trabalhar num restaurante anarquista por algum tempo. Após a passagem pelo berço da contracultura norte-americana, onde tem ainda contato com o movimento gay organizado, vai para o México, onde fica até 1976, quando retorna ao Brasil. De sua estada no México, surge como fruto seu primeiro livro de contos, *Testamento de Jônatas deixado a David*, que reúne textos escritos a partir de experiências do próprio autor ou histórias contadas nos anos de auto-exílio. A partir de seu retorno, dedica-se também à militância homossexual. É um dos precursores do movimento homossexual brasileiro, a partir de suas experiências em Berkeley, sendo um dos fundadores do Grupo Somos de Afirmação Homossexual (SP), o primeiro grupo gay organizado do Brasil, bem como do jornal *Lampião*, considerado o primeiro jornal homossexual contemporâneo do país com circulação nacional. A aproximação dos grupos de afirmação homossexual com os grupos de esquerda no Brasil, não foi algo pacífico nos anos de 1970. Trevisan esteve presente nestes embates e esta experiência permeia não apenas sua militância, mas também sua obra.

A ficção de Trevisan está incluída num tipo de literatura que procurou tratar da temática do homoerotismo elaborando sensibilidades mais complexas, ultrapassando a dimensão do *guetto*. Isto se dá inversamente ao tratamento dado anteriormente, até o princípio da segunda metade do século XX, na literatura brasileira, onde a homossexualidade foi constituída dentro de um contexto moral/religioso e era apresentada/representada como transgressão à ordem vigente ou pecado, carregado de elementos negativos, como em *O Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, ou ainda *O Ateneu*, de Raul Pompéia. A alteração desta perspectiva, ocorrida nas últimas décadas do século XX, pode ser representada principalmente pelas obras de Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago, José Carlos Honório, Glauco Matoso, Jean-Claude Bernardet e do próprio João Silvério Trevisan².

Testamento de Jônatas deixado a David é um conjunto de vinte contos, escritos, em sua maioria, quando da estada de Trevisan no México, revistos e finalizados após sua chegada ao Brasil.

O título³ é uma referência a Jônatas, amigo do rei Davi – o maior salmista da *Bíblia*. No texto bíblico, Jônatas não tem voz, apenas quem fala é Davi, que o amparava morto em seus braços, dizendo ter, pelo amigo morto, mais amor que por todas as mulheres⁴. Já David, foi o amigo de Trevisan por quem era apaixonado no seminário católico. O conto (que dá título à obra), é o testamento do amado que não pôde falar àquele que agora se afasta. Uma referência bíblica para uma experiência vivida pelo autor. Os outros contos são: *Cruel revelação*, narrativa da reação de um jovem quando seu irmão lhe revela ser homossexual; *O amigo do meu tio*, conto que traz o encontro de dois velhos amigos do movimento estudantil e guerrilheiro, já casados, que sempre foram apaixonados um pelo outro e a declaração de amor de um deles ao outro, na frente de toda família; *Interlúdio em San Vicente*, onde são narrados os momentos de carinho homoeróticos entre um guerrilheiro brasileiro perdido em San Vicente, país imaginário, e um índio, intermediados por um travesti; *La llorona*, história de um índio que vai levar sua mãe para o asilo e seus últimos instantes surpreendentes com a mesma; *A vaquinha que morreu de pânico*; irreverente história de uma vaca que morre de susto quando um foguete cai perto de si, num lugar perdido dos Estados Unidos; *Ó pátria amada*, as várias versões de um mesmo fato, focos subversivos, numa cidade, por várias pessoas de diferentes cargos; *A China está longe*, uma análise da China comunista feita a partir da morte do namorado do narrador; *Mais do que os mortos*, narrativa sobre aqueles mortos violentamente pelos regimes totalitários; *Mato de cima, possível discursinho sobre o condicionamento*, no qual se conta a história de um pequeno lugarejo e seus habitantes, intocados ainda pela TV. O sexo, no tratamento dado pelo autor, não está em oposição ao amor pleno, contudo está dissociado dele, como no caso do médico casado que se envolve com Rogê em *Notícias Tropicais* ou o encontro de um rapaz com um garoto de programa em *Conversa*. As personagens são solitárias e procuram identificação no próximo, desejam o afeto e lutam por ele; quando o alcançam são privados por fatores externos ao relacionamento desfrutado, como o padre que flagra os dois seminaristas no conto que dá título ao livro, ou a morte por câncer do irmão enrijecendo o sentimento em *Tempos de Elvira Madigan*. O ambíguo *O Matador atira*, no qual ocorrem, paralelas, a vocação para Cristo e para o terrorismo político. Em *Réquiem*, onde o devaneio de um torturado faz-nos imaginar uma outra possibilidade para o que está vivendo. Na estória *Reminiscências da Diáspora*, temos a narração em primeira pessoa, possibilitando participar das reflexões mentais de um exilado sobre seu país, sua língua e sua identidade. *Formiguinhas*, *Formiguinhas* é a história de um menino devorado por uma assembléia de formigas, metafórico; *Nem Romeu nem Julieta* o encontro de dois antigos amigos de seminário e as revelações da homossexualidade assumida de um e da enrustida do outro; *O onanista*, narrativa sobre um homem que consegue chupar o próprio pênis e que se isola do mundo para fazê-lo tranquilamente e, finalmente, *Conto para Fadas*, a trajetória de um pequeno feto até a morte, já na velhice, e uma

reflexão sobre o exercício do poder. A temática, predominantemente homossexual, ilumina outros temas paralelos, como sexo, religião, militância.

Para além do ressentimento ou mitificação de uma história de resistências, a construção de memórias alternativas se constitui num referencial político central na construção de uma sociedade multicultural. Nesse sentido, a normalização da heterossexualidade no Brasil, travestida por uma aparente flexibilidade sexual⁵, ganha novos contornos para compreender as relações entre poder e sexualidade, seus processos de exclusão.

A transposição destes modelos e da moral que contêm para o campo da esquerda brasileira das décadas de sessenta e setenta nos parecem relevantes e indispensáveis para análise da homofobia da esquerda.

Percebemos que a esquerda moralizante influenciou indivíduos, impondo um modelo ideal de militante, excludente da diversidade sexual, fazendo com que estas pessoas ou não fizessem nada daquilo que lhes era “proibido”, ou o fizessem revestidas de um forte sentimento de culpa. Se a esquerda queria a revolução, o queria com sérias restrições, revolução no campo das macroestruturas. Alterações na forma adâmica de relação entre homem e mulher, jamais. É relevante dizer também que esta esquerda de orientação socialista, ocupou-se bastante em dilacerar as instituições religiosas em seus países, mas manteve uma estrutura sexual calcada no mais antigo mito judaico-cristão que tange ao homem: sua criação e sua união **natural** com o sexo oposto. Assim como um deus no Éden, a esquerda virilizante faz do barro homem e mulher para se completarem. O amor e as relações sexuais normatizadas como na cultura abraâmica, presente em nossa sociedade de base judaico-cristã.

A este respeito, cabe ressaltar que a Igreja Católica Apostólica Romana buscou as palavras deixadas por seus homens de letras, em seu grande livro, a *Bíblia Sagrada*, para impedir e condenar os atos que julgasse imorais, dentre eles, a homossexualidade, ou ainda, a sodomia. O maior escritor moral da Igreja foi Paulo, que enviou suas cartas às comunidades nascentes. Dele, podemos citar:

“Foi por isso que Deus os entregou, conforme os desejos do coração deles, à impureza com que desonram seus próprios corpos. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. Por isso Deus entregou os homens as paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo atos torpes entre si próprios a paga pela sua aberração.”⁶

E a outra comunidade, desta vez Corinto, escreve:

“Vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se iludam! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os caluniadores irão

herdar o Reino de Deus. Alguns de vocês eram assim. Mas vocês se lavaram, foram purificados e reabilitados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus.”⁷

Ora, as cartas de Paulo (autor cujo número de textos é o maior na *Bíblia*) se não foram lidas pelos católicos brasileiros, foram, pelo menos, ouvidas, seja nas pregações catequéticas, seja nas homilias dominicais. Outro referencial da moral Católica, o seu *Catecismo*, utilizado pelos formadores catequéticos em sua prática diária, diz:

“A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominantemente por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. Sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados.

Um número não negligenciável de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação objetivamente desordenada constitui, para a maioria, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor às dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar, graduais e resolutamente, da perfeição cristã.”⁸

Nos parece que a obra escolhida para análise tem como intuito dar voz ao indivíduo que não teve direito a ela (ou que se vê desta forma). Jônatas, no texto bíblico, está morto, é Davi que se pronuncia. Aos homossexuais também era negado o direito à fala, às reivindicações próprias, tanto à direita quanto à esquerda. Entendemos, portanto, estes textos como parte de um testamento destes indivíduos, num momento de passagem de um estado de subjugação para outro, bastante diverso, de autonomia dos demais movimentos sociais, em especial da luta socialista, em que seus desejos individuais (e principalmente de liberação sexual) seriam alçados como bandeira. Quanto à relação com os demais segmentos, ressaltamos:

“Mesmo às tontas, o então incipiente grupo buscava contestar a própria questão do poder, ciente de que nossa sexualidade (nossa terra de ninguém) estava sofrendo um controle social inerente a qualquer forma de poder disputado e conquistado. Para um período que ainda obedecia aos ecos da revolução de estilo comunista, tal proposta soava muito atrevida, quando vinda de companheiros esquerdistas, pois contestava a legitimidade das autodenominadas vanguardas de esquerda tomarem o poder ‘em nome do povo’. (...) Éramos

um bando de solitários, atacados pela direita e abastardados pela esquerda, tateando uma linguagem mais adequada às dimensões recém descobertas do nosso desejo.”⁹

Para a tarefa de analisar a obra artística de João Silvério Trevisan como uma intervenção política, auxilia-nos a perspectiva trazidas por Herbert Marcuse, para quem a arte tem, em si, uma extrema potencialidade contestadora, revolucionária, sendo que o artista, quando da criação de sua obra, contesta o que não é ele, a sociedade, a moral, as tradições. Segundo Marcuse: “*hoje, em um mundo em que o sentido e a ordem, o ‘positivo’, têm que ser impostos por todos os meios possíveis de repressão, as artes por si mesmas assumem uma posição política: a posição do protesto, da repulsa, da recusa.*”¹⁰

¹ Entrevista concedida por João Silvério Trevisan a Miguel Rodrigues de Sousa Netto, em 22 de junho de 2002. Não publicada.

² Destes autores, cabe citar:

ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Morangos Mofados*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Pedras de Calcutá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *Cheiro forte*. São Paulo: Rocco, [s/d].

HONÓRIO, José Carlos. *O céu nu e a biruta*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

_____. *O amor com olhos de adeus*. São Paulo: Transviatta, 1995.

MATTOSO, Glauco. *Línguas na Papa*. São Paulo: Pindaíba, 1982.

_____. *Memórias de um Puteiro: as Melhores Gozações*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Trote, 1982.

_____. *Manual do Pedólatra Amador*. São Paulo: Expressão, 1986.

_____. *Jornal Dobrábil 1977/1981*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

BERNARDET, Jean-Claude. *Aquele rapaz*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A doença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TREVISAN, João Silvério. *O testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

_____. *As incríveis aventuras de El Condor*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Max Limonad, 1983.

_____. *O livro do avesso*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

_____. *Troços e destroços*. São Paulo: Record, 1997.

_____. *Seis balas num buraco só*. São Paulo: Record, 1998.

_____. *Ana em Veneza*. 4ª ed. São Paulo: Record, 1998.

_____. *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. São Paulo: Record, 2000.

_____. *Em nome do desejo*. 3ª ed. São Paulo: Record, 2001.

_____. *Pedaço de mim*. São Paulo: Record, 2002.

³ Quando da edição foi inserido um outro título *Prelúdio em San Vicente*, na capa do livro, mantendo *O testamento de Jônatas deixado a David* logo abaixo. No interior da obra, apenas consta o título original e é este que utilizamos neste projeto.

⁴ II Samuel, 1: 19-26.

⁵ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, notadamente em sua Introdução e Capítulo I.

⁶ ROMANOS, I: 24-27.

⁷ I CORÍNTIOS, 6: 9-11.

⁸ João Paulo II, *Catecismo da Igreja Católica*. Castidade de Homossexualidade, itens 2357 a 2359.

⁹ (TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2000, p 341.

¹⁰ MARCUSE, Herbert. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, 248.